

Revista Equívoca: ensaísmo como entrelugar acadêmico da extensão em jornalismo¹

Maria Eduarda Carvalheira²

Thiago Soares³

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

RESUMO

O presente relato apresenta um panorama da experiência acadêmica da Revista Equívoca, periódico digital desenvolvido por meio da Bolsa de Incentivo à Criação Cultural (BICC/UFPE 2024), evidenciando a prática do ensaio como entrelugar no currículo dos cursos de Jornalismo. Incorpora-se a tradição do ensaísmo (PIRES, 2018) na integração entre jornalismo, literatura e design gráfico em uma prática editorial experimental, subvertendo a lógica compartimentada da formação em jornalismo. As atividades incluíram a produção da revista, a realização de uma oficina sobre o mercado editorial na própria universidade e a participação na ExpoBICC 2024 com uma exposição de peças gráficas e fotografias da publicação. Os resultados apontam para o potencial formativo da interdisciplinaridade na trajetória acadêmica dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: ensaísmo; revista; interdisciplinaridade; jornalismo; design gráfico.

INTRODUÇÃO

A Revista Equívoca é fruto de um projeto de extensão desenvolvido com apoio da Bolsa de Incentivo à Criação Cultural (BICC/UFPE 2024), no âmbito do Programa de Estímulo à Cultura (PEC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e consiste num periódico digital que tem a premissa de tensionar os limites formais e epistemológicos do jornalismo universitário, posicionando-se como um entrelugar de práticas, no qual literatura, design gráfico e crítica cultural se complementam, subvertendo a compartimentação curricular tradicional. Trata-se de uma publicação que se baseia na prática da escrita ensaística, com forte inspiração em preceitos estéticos das

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 24 a 26 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: eduarda.carvalheira@ufpe.br

³ Professor e pesquisador do Departamento de Comunicação Social (Dcom) e do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Bolsista Produtividade em Pesquisa Nível 2 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), email: thiago.soares@ufpe.br

revistas de ensaios Granta (de origem britânica e publicada pela Universidade de Cambridge) e Serrote (brasileira, publicada pelo Instituto Moreira Salles). Toma-se o ensaio menos como um formato ou gênero textual e mais como uma postura estética e intelectual em que autores refletem, argumentam ou exploram ideias sobre temas de maneira subjetiva, operando nas fronteiras da ficção (PIRES, 2018, p. 6). A ideia de construir projetos editoriais nesta zona fronteira da ficção alinha-se à perspectiva do filósofo alemão Max Bense em seu clássico texto “O ensaio e sua prosa”, em que autor defende que o gênero “é uma peça de realidade em prosa que não perde de vista a poesia” (BENSE, 2014, p. 1).

Ao incorporar os princípios do ensaísmo na concepção e produção da Revista Equívoca abre-se uma espécie de crítica às matrizes curriculares dos cursos de Jornalismo, que operam sob forte dinâmica disciplinar em torno de técnicas de entrevistas e reportagens. A proposta da Revista Equívoca foi tentar embaralhar os limites disciplinares, apontando para percursos de criação e concepção jornalísticas fortemente impactados pelo contexto de datificação e de usos exaustivos da Inteligência Artificial (IA). A “mecanização” da prática jornalística foi refutada na proposta da publicação, cuja primeira edição foi voltada à observação e à desnaturalização do olhar — pensando como memórias e territórios foram visitados e revisitados por estudantes-ensaístas. Do ponto de vista organizacional, a dinâmica das reuniões de pauta foram marcadas por uma lógica do *slow journalism* (LE MANSURIER, 2015 e NICKEL & FONSECA, 2020) ou o “jornalismo lento” em que as temporalidades do *hard news* são reconfiguradas em busca de pontos de vista originais sobre fenômenos cotidianos.

METODOLOGIA

A metodologia adotada na construção da Revista Equívoca teve como ponto de partida a formação de um grupo de estudos voltado à leitura de autores clássicos e contemporâneos do ensaio e da crônica, como Gay Talese, Olivia Laing, Virginia Woolf, Oscar Wilde, Ann Patchett, Susan Sontag, Joan Didion e João do Rio. A imersão nesses textos fundamentou a exploração de uma escrita subjetiva - essencial para a proposta de ensaios da revista.

A partir da realização de encontros semanais, os membros do grupo puderam trocar pautas e interesses, abrindo um espaço horizontal para discussões e conexões com outras referências (acadêmicas ou não), objetivando enriquecer os textos. A partir de tensionamentos discursivos e - principalmente - através da criação de um repertório teórico, as pautas foram se originando a partir de diferentes vetores - que levavam em consideração fundamentalmente a dimensão experiencial do estudante. O consumo de produtos culturais - vide filmes, literatura, artigos, ensaios, reportagens e exposições - foi um elemento fundamental para criar competências aos estudantes nos eixos de crítica e curadoria.

No que se refere à materialidade do periódico, o processo de criação envolveu o desenvolvimento gráfico e editorial da revista, realizado em parceria com o Laboratório de Práticas Gráficas (LPG) do Departamento de Design da UFPE com uso também de plataformas digitais da Adobe. Esse envolvimento prático permitiu que os estudantes desenvolvessem habilidades em diagramação, programação, tipografia e produção manual, além de engajar alunos de outras áreas, ampliando a compreensão do processo editorial.

O trabalho coletivo, à semelhança de um "nêmesis do fordismo", fomentou a integração de saberes e a troca entre diferentes etapas da produção. Versões preliminares de textos foram submetidos à apreciação do editor e curador Schneider Carpeggiani (curador da Feira do Livro de Pernambuco e da editora Autêntica), que trouxe devolutivas fundamentais para o amadurecimento da escrita e do conceito. Em seguida, organizou-se a oficina "Nas Entrelinhas: A Arte do Ensaio e os Caminhos do Mercado Editorial", ministrada no Centro de Artes e Comunicação (CAC) da UFPE, com participação da jornalista e gerente artística Olívia Mindêlo (Oficina Francisco Brennand), da professora Raldianny Pereira e do orientador Thiago Soares. Por fim, esse cerne colaborativo foi fortalecido pela participação da Revista Equívoca na ExpoBICC 2025, onde a revista foi convidada para as duas vernissages do evento, realizadas no Centro Cultural Benfica e na Galeria Capibaribe.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A proposta da Revista Equívoca parte do entendimento da revista como um “objeto relacional, relativo e múltiplo” (AZUBEL, 2013), capaz de refletir o espírito de uma época, seus temas, personagens e afetos. Para Scalzo (2004), o gênero revista tem o poder de construir comunidades simbólicas por meio de um “fio invisível” que une leitores e colaboradores. Nesse sentido, a revista, enquanto plataforma cultural, cria pertencimentos e deslocamentos. A escolha do ensaio como gênero central está ancorada em sua abertura ao pensamento crítico, à subjetividade e à especulação narrativa - elementos fundamentais para desconstruir modelos jornalísticos engessados.

“É possível definir o ensaio?” Essa pergunta, título do primeiro texto em 12 ensaios sobre o ensaio (PIRES, 2018), introduz a reflexão de Jean Starobinski, crítico literário e ensaísta, e apresenta uma rica reflexão sobre a etimologia do termo:

Essayer [ensaiar] foi emulado de *prouver* [provar, testar] e *éprouver* [experimental] nos falares do leste e do sul, emulação enriquecedora que torna o ensaio sinônimo de uma colocação à prova, de uma busca da prova. Essas são, não há como negar, autênticas cartas de nobreza semântica, que nos fazem admitir que a melhor filosofia há por bem manifestar-se na forma de ensaio (Starobinski apud Pires, 2018).

Desde Montaigne, no século XVI, o ensaio existe como um formato singular que foge aos moldes fixos: pessoal e provisório, flutuando entre o literário e o jornalístico, oferecendo ao “eu” uma voz ruidosa para testar ideias. Seu caráter híbrido — nem artigo científico, nem pura arte poética — ressoa com o experimentalismo de Deleuze e Guattari (1980), que valoriza formas sempre abertas e em fluxo.

Em contraste com o ethos utilitário do “churnalismo” (DAVIES, 2008) e o imperativo da rapidez, o ensaio se alinha ao “slow journalism” e à proposta de Woolf de manter o gênero “puro como água ou puro como vinho” (Woolf, 2002). Ao retomar a dimensão crítica de Sontag (1977), a Revista Equívoca aposta no ensaio para promover uma reflexão aprofundada que busca singularidades.

ANÁLISE

Ao longo do crivo editorial da primeira edição, tornou-se evidente aquilo que, por vezes, só se percebe na prática: o quanto os currículos de jornalismo ainda operam numa lógica compartimentada, onde a técnica imparcial e a “reflexão” caminham em

trilhas paralelas. A revista cresceu nesse entrelugar fértil, onde as tentativas e erros não são punição, mas método. Criamos um espaço em que o estudante não apenas "aprende a fazer", mas se pergunta o porquê de fazer como se faz.

O conceito em torno do nome “Equívoca” pressupõe ressignificar o erro - o equívoco - ao mesmo tempo feminilizá-lo (como uma estratégia de reconfiguração linguística que aposta no estranhamento). A edição inaugural baseou-se na ideia de pensar a publicação como um conjunto de janelas que se abrem para o mundo, a partir de enquadramentos que trazem textos implicados em recortes de faixa etária, gênero, raça, classe social e seus atravessamentos. A ideia de pensar a janela como um mundo a ser visto permitiu desnaturalizar o objeto observado e constelar um mapa de temas e significados a partir desse movimento.

Os textos foram “aparecendo” como performances: encenaram diferentes olhares e transitaram por gêneros pouco usuais na prática jornalística - como o teatro (ou o texto dramático). Os materiais fotográficos, também bastante usuais na construção de uma relação entre texto-e-imagem, foram cedendo espaço para ilustrações e também para fotografias pessoais - como a imagem que ilustra a capa, que na verdade é a criação gráfica em torno de uma fotografia de família.

A roda de conversa “Nas Entrelinhas” - com cerca de 40 participantes - abriu o debate sobre estilo, escrita ensaística e mercado editorial. Já na ExpoBICC, o contato com outros projetos fortaleceu a noção de que iniciativas culturais na universidade não são apêndices, mas instâncias formadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Opta-se por relatar a experiência da Revista Equívoca como Extensão através do tensionamento que o produto exerce nas lógicas curriculares do curso de Jornalismo da UFPE. Articula-se a publicação a uma ação que propõe iluminar alternativas para uma crise sistêmica do jornalismo, como uma aposta de um produto editorial pernambucano que se insere no mercado a partir de balizas de revistas como Serrote, Zum e Propágulo. A proposta da Equívoca é trazer legitimidade do ensaio para o curso de Jornalismo da UFPE e também demandar experimentação formal e multimodal no panorama editorial universitário brasileiro.

A experiência da Revista Equívoca evidencia a potência da extensão como instância criativa e transformadora no ensino superior, ao romper limites disciplinares e abrir espaço para experimentação. A continuidade do projeto prevê a publicação de uma segunda edição com o tema "O jeans como ativo cultural", investigando suas interseções com política, economia e sustentabilidade, em diálogo com a Agenda 2030 da ONU (ODS 8, 11 e 12), reforçando o papel da revista como espaço experimental.

REFERÊNCIAS

- AZUBEL, G. **Revistas experimentais: um laboratório de ideias**. São Paulo: Rosari, 2013.
- BENSE, M. **O Ensaio e sua prosa**. In: Revista Serrote. Instituto Moreira Salles, 2014. Disponível em: <https://revistaserrote.com.br/2014/04/o-ensaio-e-sua-prosa/>. Acesso em 05 de maio de 2025.
- DAVIES, N. **Flat earth news: an award-winning reporter exposes falsehood, distortion and propaganda in the global media**. London: Chatto & Windus, 2008.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1. (Obra original publicada em 1980).
- LAING, Olivia. **A cidade solitária**. São Paulo: Todavia, 2018.
- LE MASURIER, Megan. What is slow journalism?. **Journalism practice**, v. 9, n. 2, p. 138-152, 2015.
- PIRES, Paulo Roberto (org.). **12 ensaios sobre o ensaio**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2020.
- SCALZO, Mário L. Revistas culturais e construção de comunidades simbólicas. **Revista Comunicação & Sociedade**, v. 41, p. 145–162, 2004.
- SONTAG, Susan. **Contra a interpretação**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- STAROBINSKI, Jean. **É possível definir o Ensaio?**. Remate de Males, Campinas, SP, v. 31, n. 1-2, p. 13–24, 2012. DOI: 10.20396/remate.v31i1-2.8636219. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636219>. Acesso em: 2 abr. 2025.
- WOOLF, Virginia. **The Common Reader**. London: Hogarth Press, 1925.